

O PORTO DE ALICANTE COMO LUGAR DE MEMÓRIA DE UMA TRAGÉDIA ESQUECIDA

Volker Jaeckel (UFMG)

Resumo

Nesta comunicação será analisada a recriação literária do fim da Guerra Civil Espanhola no porto de Alicante nos últimos dias de março de 1939 em textos literários da literatura hispânica. Trata-se de uma tragédia singular e quase esquecida pela historiografia e pela cinematografia, sobre a qual pouco se escreveu. Esta derrota trágica do exército republicano marcou seu fim, em Alicante, e não com a entrega de Madri às tropas franquistas. Levanta-se essa questão pela desatenção a estes acontecimentos trágicos, sabe-se que os últimos atos do drama sangüinário da guerra aconteceram na província de Alicante, que também foi escolhido como última sede do governo republicano. Os milhares de refugiados no porto de Alicante tinham a esperança de serem resgatados por navios estrangeiros e levados para o exílio, onde estariam seguros em outro país ou continente.

A tragédia no porto de Alicante, cujas vítimas foram estimadas em aproximadamente 18.000 pessoas que não conseguiram embarcar e foram levadas aos campos de concentração e presídios franquistas. Houve, ao longo das últimas décadas, um número expressivo de obras literárias importantes que evidenciam a necessidade de rever um passado histórico, cuja memória foi manipulada durante muito tempo pelos vencedores da guerra.

Palavras-chave: Memória dos vencidos. Guerra Civil espanhola. Porto de Alicante. Max Aub. Literatura e guerra.

Introdução

Estamos acostumados desde o século XX a dispor de imagens dos finais das guerras: imagens de televisão, de documentários ou reportagens que fixam e documentam derrotas e vitórias, muitas vezes emitidas praticamente ao vivo, como foi o caso das últimas guerras no oriente médio. Também conhecemos inúmeras reportagens e longas-metragens com encenações do fim da segunda guerra mundial em Berlim em abril de 1945, porém o final de outra guerra, da qual se diz ser a primeira midiaticizada, a Guerra Civil Espanhola, praticamente não deixou rastro nas imagens mecânicas. Possuímos abundantes reportagens, relatos e fotografias de todas as batalhas desta guerra: Jarama, Madrid, Belchite, Teruel, Ebro são os nomes vinculados a imagens que circularam pelo mundo inteiro. Levanta-se a questão pela desatenção aos acontecimentos trágicos no porto de Alicante nos últimos dias de março de 1939, sabemos que os últimos atos do drama sangüinário da guerra aconteceram na província de Alicante, cidade escolhida como última sede do governo republicano um mês antes de terminar a Guerra Civil Espanhola. Neste trabalho pretende-se relembrar alguns fatos

históricos que aconteceram há mais de 75 anos em Alicante e relaciona-los com a literatura memorialística, da qual dispomos hoje. Para esta finalidade serão analisadas e comentadas as seguintes obras: *Enllà de L'horitzó* (1991) de Enric Valor, *Campo de los almendros* (1968) de Max Aub, *Los naufragos del Stanbrook* (2004) de Rafael Torres y *La muerte de la Esperanza* (2006) de Eduardo de Guzmán e a novela gráfica *Los Surcos del Azar* (2013) mesmo tratando-se de obras de características e intenções bastante variadas.

Sobretudo, as obras de Max Aub e Enric Valor são conhecidas por pretender, através da recriação literária, reativar a memória coletiva suprimida durante a época do franquismo e incentivar o debate sobre este episódio final da guerra.

Ambos os autores mostram a sua vontade de acrescentar à história os seus testemunhos e transformá-los em instrumentos de reconstrução histórica mediante a abundante e bem trabalhada documentação dos fatídicos acontecimentos deste fim de guerra quase suprimido na memória. “Al leerlos, sobre todo cuando se centran en los [acontecimientos] de Alicante, da la sensación de que la ficción se retira con pudor a un segundo plano, dejando bien visible em el primero no el recuerdo de los hechos, no su memoria, sino su representación” (OLEZA, 2011, p.112).

É pertinente levantar esta questão, já que o final dramático chegou a ser esquecido e somente nos últimos anos houve algum tipo de resgate da memória histórica, quando se comemoraram os 70 e 75 anos do fim da Guerra Civil Espanhola. Não dispomos de material fílmico, uma vez que os fatos foram silenciados durante décadas e a cinematografia ainda não descobriu a importância do episódio do Porto de Alicante por diversos motivos, porém encontramos uma repercussão considerável em ensaios, na literatura, numa novela gráfica que nós faz refletir sobre aspectos da representação de acontecimentos históricos em obras ficcionais.

1. Algumas considerações sobre o romance histórico

No presente contexto se fazem necessárias algumas considerações sobre a forma e o conteúdo do romance histórico, por desempenhar um papel estratégico para a narrativa das memórias da Guerra Civil Espanhol.

Hayden White explica o valor para a narrativa, no que se refere à representação da realidade e fornece um elemento importante para a análise teórica, quando diz:

La autoridad de la narrativa histórica es la autoridad de la propia realidad; el relato histórico dota a esa realidad de una forma y por tanto la hace deseable en virtud de la imposición sobre sus procesos de coherencias formal que sólo poseen las historias.

La historia, pues, pertenece a la categoría de lo que puede denominarse “discurso de lo real”, frente al “discurso de lo imaginario” o el discurso del deseo (WHITE, 1992, p. 34).

As duas principais obras objetos desta análise, de Max Aub e Enric Valor, se encaixam perfeitamente no que descreve White, como características de uma narrativa histórica com um discurso do real que está muito presente nas romances.

2. Os fatos históricos

No final da Guerra Civil Espanhola em março 1939 aconteceram vários desastres que aceleraram a queda da II. República. Em 27 de fevereiro de 1939, França e Inglaterra reconheceram oficialmente o regime nacionalista com sede em Burgos, para onde enviaram os seus embaixadores. No dia cinco de março houve a rebelião da marinha de guerra em Cartagena e também a sublevação do coronel Segismundo Casado em Madrid, ambas tentativas para abreviar a guerra e chegar um acordo de paz com as tropas de Franco foram frustradas, já que a frota republicana sob o comando do almirante Miguel Buiza se deslocou ao porto de Biserta, no norte de África. Pela terceira vez na sua história, Alicante foi o último ponto de fuga de forças republicanas, depois de 1823 e 1844, quando se exilaram os liberais alicantinos a bordo de barcos estrangeiros.

Em março de 1939 as últimas tropas republicanas se refugiaram na cidade de Alicante com a esperança de serem resgatadas por barcos ingleses ou franceses. No dia 28 de março o velho navio carboneiro Stanbrook zarpou com seu comandante Archibald Dickens, levando mais de 2600 pessoas para o porto de Oran. Este foi o último barco que transportava grande número de refugiados para o exílio e por isso entrou na história.

No barco *Maritime* que saiu poucas horas depois, somente embarcaram 32 autoridades. No último dia de março chegaram vários navios de guerra franquistas e umas unidades de infantaria que efetuaram a rendição dos republicanos desesperados no quebra-mar do porto. No dia primeiro de abril terminou o despejo do porto, levando os prisioneiros, que tinham deposto suas armas para evitar um massacre de grandes dimensões, porém foram relatados numerosos suicídios no Cais de Levante por causa do crescente desespero de cair nas mãos dos franquistas e falangistas que já dominavam a cidade.

Para a grande maioria dos refugiados no porto de Alicante, se calculam mais de 12000 homens, mulheres e crianças, o destino transitório seria o famoso Campo de los Almendros, os castelos de Santa Bárbara e San Fernando, os cinemas da cidade, a Praça de Touros e outros centros de detenção improvisados, até que eles fossem levados mais tarde ao Campo de Albaterra, a, aproximadamente, 50 km de Alicante, onde permaneceriam durante muitos anos ou seriam fuzilados nas frequentes execuções, chamadas "saques".

Hoje existem algumas iniciativas de organizações não governamentais para a recuperação da memória como *Alicante Vivo*, que fazem grandes esforços para que os fatos históricos e as suas vítimas não sejam esquecidas. Infelizmente, ainda hoje é extremamente complicado organizar comemorações dedicadas às vítimas da perseguição franquista, como mostram fotos de junho de 2014 no *Campo de los Almendros* em um ato comemorativo pela inauguração de um monumento em homenagem às vítimas que sofreram e faleceram nesse lugar nefasto.

3. Max Aub: *El campo de los almendros* (1968)

O romance mais conhecido relata minuciosamente as condições, nos quais se encontravam os fugitivos e posteriormente os prisioneiros no *Campo de los Almendros*. É, sem dúvida alguma, o romance de maior sucesso e impacto sobre o tema. Max Aub fecha com ele o chamado labirinto mágico, composto por *Campo Cerrado*, *Campo Abierto*, *Campo de Sangre*, *Campo del Moro*¹, *Campo Francés*.

Max Aub, autor valenciano de pai alemão e mãe francesa, se refugiou no México no final da Guerra Civil Espanhola, constrói uma obra polifônica acumulando cenas sobre cenas "con escasas acotaciones narrativas, interesado por encima de todo en la multitud y variedad de las voces de los personajes y despreocupado a menudo de precisar quién habla, atento sobre todo a captar el carácter coral de la tragedia" (OLEZA, 2011, p. 112).

O romance de Max Aub está formalmente dividido em três partes, das quais a primeira localiza as ações na cidade de Valencia e mostra a decomposição progressiva

¹ Para a presente pesquisa este volume é de muito interesse, considerando que aborda o período dos dias do golpe *casadista* com as suas consequências e implicações, como analisa OLEZA, 2002 de forma bastante detalhada no seu artigo.

da Segunda República e a repercussão imediata do golpe de estado do coronel Casado. Aub trabalha com um conjunto amplo de personagens, muito deles são históricos, que sofrem o desmoroamento das frentes do combate do exército republicano. Muitas figuras do romance apostam em uma saída pelos portos mediterrâneos, como fez o próprio Segismundo Casado por Gandía.

As personagens imaginam uma possível fuga pelo porto de Alicante, no qual projetam as suas esperanças de salvação. Trata-se de uma esperança que motiva, por exemplo, o jovem comunista Vicente Dalmases, que tinha fugido do cerco de Madrid em uma viagem penosa, interrompida várias vezes. Ao iniciar uma nova viagem, a Alicante, junto a outros militantes comunistas numa caravana de caminhões, onde a sua mulher Asunción está esperando por ele. A segunda parte do romance de Aub é estruturada em quatro capítulos em forma de diários, dos dias 28, 29, 30 e 31 de março de 1939, nos quais narra a situação no porto de Alicante com todos os detalhes. Na medida em que avança a ação do romance, se fecham os caminhos de fuga por ar, mar e terra e o cenário se estreita aos limites do quebra mar que adquire uma função simbólica da tragédia humana:

Este es el lugar de la tragedia: frente al mar, bajo el cielo, en la tierra, Este es el puerto de Alicante, el treinta de marzo de 1939. Las tragedias siempre suceden en un lugar determinado, en una fecha precisa, a una hora que no admite retraso. El cielo está cubierto porque tiene vergüenza de lo que va a suceder. Dios es el responsable de las desgracias humanas, aunque en su indiferencia no lo quiere reconocer (AUB, 2002, p. 312-313).

O panorama do porto é de um acúmulo caótico de carros, tanques de guerra, caminhões, bicicletas, todo tipo de veículos e máquinas abandonados, que neste momento resultam inúteis, apenas sucatas (cf. OLEZA, 2011, p. 115). Esta situação transmitida ao leitor induz um sentimento de abandono num labirinto, provocado pela guerra fratricida até o último instante. O desespero cresce com a ausência de barcos que possam efetuar o resgate para o exílio, com a chegada das tropas italianas a Alicante e com a presença massiva dos membros da *Quinta Coluna* que içam bandeiras bicolores na cidade.

Aub consegue elaborar um fiel retrato do enorme desespero que se apodera dos seres humanos abandonados e perdidos no molhe de Alicante. O autor insere na

segunda parte do romance as chamadas páginas azuis, nas quais abre um espaço para a sua própria voz, e acrescenta valor meta-literário a sua escrita.

Veinte, treinta, cuarenta mil personas hacinadas en el puerto; más treinta mil en la ciudad, sin contar las treinta mil que van llegando y no llegarán. Treinta mil de los que no puedo hablar, treinta mil que no quieren dormir, treinta mil que se saben perdidos. Los números nunca son exactos.

Para dar idea de la realidad, el autor debería abrir miles de cráneos, exponer miles de pensamientos enrevesados (si es que surgen de los cráneos), explicar las torturas, las esperanzas, los desengaños de los amontonados en el puerto, dormidos, despiertos, transidos.[...] ¿Qué piensan, esta noche, los refugiados en el puerto de Alicante, último residuo - no baluarte - de la República Española, último extremo de la Gran Guerra Civil que ha enfrentado una vez más media España a la otra media (AUB, 2002, p. 397).

Max Aub retrata com muita autenticidade a derrota que não podia ser pior para os defensores da Segunda República, foram abandonados pelas democracias ocidentais, pelo seu governo legítimo, pela Junta de Casado, pela frota republicana e ficaram expostos a intempérie no quebra-mar mediterrâneo do porto de Alicante aguardando seu destino nos campos de concentração.

No final da segunda parte do livro existe uma passagem comovente, que resume bem os pensamentos, tanto do autor como dos próprios personagens. Pode ser considerada quase como a essência do livro, quando um mestre de escola mostra ao seu filho a multidão destruída e vencida no porto:

Estos que ves ahora deshechos, maltrechos, furiosos, aplanados, sin afeitar, sin lavar, cochinos, sucios, cansados, mordiéndose, hechos un asco, destrozados, son, sin embargo, no lo olvides, hijo no lo olvides nunca pase lo que pase, son lo mejor de España, los únicos que, de verdad, se han alzado, sin nada, con sus manos, contra el fascismo, contra los militares, contra los poderosos, por la sola justicia; cada uno a su modo, a su manera como han podido, sin que les importara su comodidad, su familia, su dineros. Estos que ves, españoles rotos, derrotados, hacinados, heridos, soñolientos, medio muertos, esperanzados todavía sin escapar, son, no lo olvides, lo mejor del mundo (AUB, 2000, p. 616).

Max Aub culmina a sua obra dedicada à Guerra Civil Espanhola com este romance que faz o leitor refletir sobre as condições e circunstâncias da derrota do exército republicano, que se encontra praticamente em fuga constante das tropas

franquistas desde o golpe do coronel Casado no dia 5 de março, ou seja, em uma situação de dissolução, sem conseguir manter posições ou frentes de combate.

4. Enric Valor: *Enllà de L'Horitzó* (1991)

Este romance é o terceiro do ciclo de Cassana, depois de *Sense la Terra Promesa* (1980) e *Temps de Batuda* (1983), nos quais narra os acontecimentos pré-revolucionários ocorridos no verão de 1936 em Cassana. Enric Valor é o primeiro escritor valenciano contemporâneo de língua catalã que faz da sua própria realidade histórica uma matéria de um romance, seguindo a maneira realista do século XIX. O romance de Valor pode ser considerado um *Bildungsroman* com características muito peculiares, considerando a evolução, a educação sentimental e ideológica do seu protagonista Frederic Genovart.

O autor valenciano também apresenta a sua narrativa estruturada em três partes, Valor enfoca na sua personagem protagonista que guia o leitor pelo romance. Na primeira parte do livro apresenta a decomposição e o desânimo do bando republicano que leva o protagonista por Alcoi, Xixona y Sant Vicent del Raspeig e ao porto de Alicante, traça desta forma, a rota da derrota (cf. VALOR, 1991, p. 7-199).

Na segunda parte vemos como Valor desenvolve um romance de ação, no qual relata o desenlace dramático da fuga de três amigos, que chegam ao porto de Alicante justo no momento em que a tripulação do navio *Stanbrook* levantava a passarela e soltava as amarras. Por este motivo lançam uma corda para que Toni, o mais comprometido dos amigos consiga subir ao barco, sendo içado pelo convés. O dramatismo do final da guerra é exemplificado através do destino de cada personagem, técnica que enfatiza a desesperança das pessoas que podiam embarcar nos dois últimos barcos que zarparam o porto, o *Stanbrook* e o *Maritime*.

Pedro guardaba un elocuente silencio total, mirando sin duda, a través de la noche sin estrellas, allá del horizonte invisible del mar, más con los ojos del alma que con los del cuerpo, quizá imaginando la marcha serena de Marítima con una añoranza dolorosa e irremediable.²

² VALOR, 1991, p. 519. (Tradução nossa). Pere servava un eloqüent silenci tot esguardant sens dubte, a través de la nit sense estrelles, enllà de l'horitzó invisible de la mar, més amb els ulls de l'ànima que amb els del cos; potser imaginant la marxa serena del Marítima amb un enyorament dolorós i irremeiable .

Na terceira parte do livro, Enric Valor oferece ao leitor uma densa concentração de acontecimentos, que são sucintamente resumidos no início de cada nova aventura do protagonista. Pode-se perceber que a escrita de Enric Valor é caracterizada por marcas de literatura de folhetim e de contos populares. A subordinação do realismo às convenções do gênero resulta determinante para o tratamento do referencial histórico neste romance que funciona ao serviço das peripécias do protagonista Frederic (cf. ESPINÓS, 2010, p. 194-195).

Toni, o "Senyalat", um alto cargo comunista de Cassana, consegue embarcar por uma corda lançada pelo seu irmão desde o *Stanbrook*, no momento de soltar as amarras. O autor recorre a uma modificação dos fatos históricos colocando a saída do barco às oito da tarde, que na realidade zarpou às 11 da manhã (VALOR, 1991, p. 516). O dramatismo quase cinematográfico de esta ação de resgate é captada na seguinte cena pelo autor valenciano:

La cuerda no va a llegar a sus manos la primera vez. El movimiento del barco era afortunadamente casi imperceptible. ¡Y otra vuelta! ¡Y una tercera! Entonces Toni pude agarrar el fin de la cuerda. Algunos testimonios - tal vez eran marineros - recomendaron:
 Agarra fuerte y ponga los pies planos para frente
 Dejadlo subir gritamos nosotros!
 Ya está lleno y no tendrás otra ocasión- dice un hombre viejo³.

5. Obras literárias publicadas na atualidade

Ainda não foi possível concluir um levantamento exaustivo de obras relacionadas aos acontecimentos trágicos no porto de Alicante, porém parece que seu número é maior do que se podia esperar inicialmente, e ainda faltam obras a serem averiguadas. Em seguida mencionamos e comentamos aqui brevemente alguns textos ainda pouco conhecidos, porém vale ressaltar que já no ano 1943 o autor uruguaio Juan Carlos Onetti publica um romance com o título *Para esta Noche*, no qual podemos identificar com bastante facilidade a tragédia de Alicante como pano de fundo da ação, porém trata-se de uma narração mais cifrada e misteriosa que não nomeia diretamente o

³ VALOR, 1991, p. 517-518 (tradução nossa).

La corda no va arribar a les seues mans la primera vegada. El moviment del buc sortosament era quasi imperceptible. I una altra volta! I una tercera! Llavors, Toni pogué copsar-ne el cap.

Alguns testimonis -potser eren mariners- recomanaren:

-Agafa't fort i posa els peus de pla al davant!

-Deixa't anar! - xisclàrem nosaltres.

Já és lluny: no en tindràs una altra ocasió - va a dir un home vell.

lugar, a data e as circunstâncias, porém deixa vislumbrar o fundo histórico que inspirou a escrita do texto ambientado num lugar anônimo e lúgubre.

5.1. Rafael Torres: *Los naufragos del Stanbrook* (2004)

O livro recebeu prêmio Ateneo de Sevilha de 2004, e nele o autor mostra um elenco bastante completo e variado de personagens históricos e fictícios que participam de alguma forma no episódio final da guerra.

Se adensan las brumas del fin del mundo en el Puerto de Alicante, pues todos los que en él se hallan son fusilables en potencia, los soldados, los maestros de escuela, los funcionarios, los obreros, los estudiantes, las Marianas Pinedas, los jornaleros del campo los intelectuales... todos portan el ignominioso estigma de su lealtad al mundo que se acaba, a la libertad, a sus normas, a sus promesas, y los rebeldes de Franco, que llevan, tres años masacrando leales en la cunetas de los caminos y en las tapias de los cementerios por auxilio a la rebelión habrán de sentirse eufóricos con esta cosecha masiva, con este copo total (TORRES, 2004, p. 200).

Rafael Torres, autor e jornalista, dedicado a temas históricos, relata as circunstâncias, nas quais milhares de pessoas passaram os últimos dias da República em estado agonizante a partir do dia 28 de março de 1939 no quebra-mar de Alicante. Soldados, intelectuais, militantes políticos, intelectuais, jornalistas com as suas famílias, esperam pelos barcos estrangeiros tantas vezes prometidos a fim de preservar os refugiados da vingança sanguinária dos vencedores. Torres outorga um claro protagonismo ao capitão Dickson, comandante do navio *Stanbrook*, já que ajuda os vencidos, arriscando a sua vida, a sua tripulação e a segurança do seu barco numa ação heroica de salvamento. Motivado pelo desejo de transformar este marinheiro num herói histórico da tragédia comete alguns pequenos deslizes, como p. e. alterar o nome de Archibald para Andrew Dickson.

5.2. Eduardo Guzmán: *La muerte de la esperanza* (2006)

Este livro está baseado nas memórias do militante anarquista Eduardo de Guzmán que conseguiu escapar de Madri, nas últimas horas antes da entrada do exército franquista e faz uma viagem de muitos obstáculos, perigos e aventuras por Valencia até Alicante.

A primeira parte do livro conta o que aconteceu em julho de 1936, a rebelião e o golpe dos oficiais que marcaram o início da Guerra Civil Espanhola, porém a segunda parte mostra nitidamente os acontecimentos durante os últimos dias da guerra em Alicante e está dividida em cinco capítulos que abordam, respectivamente, um dia marcante na história de Espanha: 28, 29, 30, 31 de março e 1 abril. Eduardo Guzmán descreve minuciosamente a situação desolada dos refugiados, enfatizando as emoções e a euforia, cada vez que eram avistados barcos no horizonte e a imensa frustração, quando eles não entram no porto de Alicante e abandonam os fugitivos, deixando-os sem esperança alguma. Com a entrada do primeiro buque de guerra franquista os refugiados ficam totalmente abalados e estarecidos, como se pode observar na seguinte cena do livro do anarquista.

Es un buque de guerra, el que, reduciendo su velocidad al límite, traspone con lentitud la entrada del puerto. No es un crucero francés, sino un minador español el " Vulcano". La cubierta está atestada de soldados vestidos de caqui en la popa han desplegado una gran bandera bicolor; apuntando hacia el muelle en que nos apiñamos vemos emplazadas una serie de ametralladoras (GUZMÁN, 2006, p. 403-404).

5.3. Pablo Roca: *Los surcos del azar* (2013)

A novela gráfica *Los surcos del Azar* de Pablo Roca, publicada em novembro de 2013 é a mais recente publicação que trata do assunto em forma de ficção. No primeiro capítulo é narrada a saída do barco Stanbrook do porto de Alicante e no segundo capítulo o leitor é informado sobre os problemas enfrentados pelos refugiados republicanos depois da sua chegada ao porto de Oran. Obviamente, o autor altera alguns fatos a favor de uma maior dramatização da novela gráfica. Na história em quadrinhos, o *Stanbrook* chega ao porto alicantino e zarpa pouco tempo depois, uma recriação não autêntica, assim como também não o é, o ataque de artilharia por parte de um navio de guerra franquista ao barco inglês no seu caminho a Oran. Pablo Roca acompanha as andanças de um dos sobreviventes de Alicante e passageiros do Stanbrook pelos campos de concentração no Norte de África até a sua participação na reconquista de Paris junto às tropas americanas e o exercito do general De Gaulle. Embora o enfoque do livro seja a gloriosa *La Nueve*, ou seja, nos espanhóis que participaram da liberação da capital francesa em 1944, é curioso que a história tenha o seu ponto de arranque com a fuga de alguns republicanos no que famoso barco inglês. O protagonista Miguel, de 94

anos, conta a sua vida dramática a um jovem espanhol que tem a intenção de fazer um documentário sobre esta época conturbada na história da Espanha e da Europa.

6. Conclusões

Nos últimos anos houve várias ações de organizações cívicas para recuperar a memória histórica do fim da guerra em Alicante, porém com resultados muito diferentes, que não sempre correspondem às expectativas dos pesquisadores.

Os atos comemorativos, muitas vezes, encontraram a resistência de velhos e novos fascistas.⁴ A recuperação da memória coletiva na cidade de Alicante, não é uma tarefa fácil, já que aqui a repressão franquista foi especialmente severa por causa da tradicional orientação republicana da sua população desde o século XIX.

Uma vez, que Alicante se transformou no último reduto da Segunda Republica, o ódio contra os alicantinos por parte dos falangistas e outras forças do novo regime aumentou o grau de opressão e levou a perseguições cruéis e constantes aos republicanos.

As recriações literárias em forma de romances e novela gráfica apresentadas aqui ocupam um espaço na tentativa de resgate da memória coletiva dos vencidos, um espaço vago, já que jornalismo, historiografia e cinematografia praticamente ignoraram o assunto até hoje, assim como a política e organizações governamentais. Com exceção do livro de Max Aub, trata-se de obras menos conhecidas e com pouca repercussão a nível nacional e internacional, porém é um resultado surpreendente desta pesquisa, que aquele episódio sinistro da história espanhola inspirou várias obras literárias de caráter diferente, cujos autores fazem questão de lembrar o desfecho trágico da guerra.

A lista dos textos que abordam o fim da Guerra Civil Espanhola em Alicante ainda não está completa, porém já se podem verificar alguns destaques nos textos. O episódio da fuga no navio *Stanbrook* como um lugar de memória e as dificuldades para embarcar, possuem um certo protagonismo na maioria dos textos, assim como a

⁴ Eles deixaram as suas marcas em junho de 2014 no *Campo de los Almendros* antes da inauguração de um monumento em forma de um monólito dedicado às vítimas sofreram as brutalidades dos vencedores franquista neste lugar, que até aquela data não tinha nenhuma placa comemorativa ou explicativa.

Veja: <http://www.diarioinformacion.com/alicante/2014/06/29/memorial-campo-almendros-inaugura-alicante/1519456.html> e também

<http://www.diarioinformacion.com/alicante/2014/06/30/marcas-fascistas-almendros/1519552.html>

ansiedade pelos barcos estrangeiros de resgate que se acercam e afastam várias vezes, segundo os textos literários analisados. O desespero cresce e a esperança diminui com cada uma destas aparições que quase assumem um caráter de alucinações de sedentos em um deserto. A onda de suicídios relatada pela literatura é a expressão culminante deste sentimento que se apodera das pessoas no molhe.

7. Referências

AMORES, Juan José. Parque “Campo de los Almendros”: Nueva Propuesta de Alicante Vivo, em: <http://www.alicantevivo.org/2010/07/parque-del-campo-de-los-almendros-nueva.html>

AUB, Max. *Campo de los Almendros*. Edição de Francisco Caudet, Madrid: Castalia, 2000.

ESPINÓS, Joaquim Felipe. "Campo de los almendros" de Max Aub i "Enllà de l'horitzó" d'Enric Valor - dues visions del final de la Guerra Civil a Alacant. In: SOLER, Manuel Aznar (Coord.). *Escritores, editoriales y revistas del exilio republicano de 1939*. Sevilla: Gexel, 2006, p. 189-197.

GUZMÁN, Eduardo. *La muerte de la esperanza*. Madrid: VOSA S.L., 2006.

OLEZA, Joan. Voces en un campo de sangre: Max Aub y los penúltimos episodios nacionales. *Olivar*. Año 3, Núm. 3, 2002, p. 1-16.

OLEZA, Joan. Ficción, historia y novela. La tragedia del puerto de Alicante. *Revista Internacional de los Estudios Vascos*. Cuad 8. p. 104-123. 2011

ONETTI, Juan Carlos. *Para esta noche*. Buenos Aires: Punto de Lectura. 2007.

ROCA, Pablo. *Los surcos del azar*. Bilbao: Astiberri Ediciones, 2013.

TORRES, Rafael. *Los naufragos del Stanbrook*. Sevilla: Algaida Editores, 2004.

TUÑÓN de LARA, Manuel. Puerto de Alicante. *Canelobre*. número 718, p. 152-156. 1986.

VALOR, Enric. *Enllà de l'horitzó*. Cicle de Cassana. València: Tàndem eds. 1991.

WHITE, Hayden V. *El contenido de la forma*. Barcelona: Paidós, 1992.